

## Reviver ou reunir o passado?: Um novo enquadramento da proposta historiográfica de Robert Southey<sup>1</sup>

Reliving or collecting the past?: A new frame for Robert Southey's historiographical proposal

Flávia Varella<sup>2</sup>

flavia\_varella@hotmail.com

---

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo principal enquadrar Robert Southey em um novo contexto discursivo, diverso do habitual contexto romântico, visando melhor compreender a sua posição historiográfica, principalmente no que diz respeito à *History of Brazil* (1810-1819). No cenário brasileiro, as reflexões de Maria Odila da Silva Dias, principalmente graças ao *O fardo do homem branco* (1974), tornaram-se preponderantes para o entendimento da *History of Brazil*. Nesse livro, assim como em sua dissertação, Dias apresenta a *History of Brazil* como uma obra precursora do Romantismo inglês e fundamentalmente preocupada com o reviver histórico. Sustento, ao longo desse artigo, uma hipótese de pesquisa diversa que situa Southey dentro de outra realidade discursiva, relacionada com a pesquisa documental e a monumentalização do passado. Para tanto, em um primeiro momento, realizo um panorama das apreciações recentes que a categoria Romantismo vem recebendo dentro da crítica literária, para, logo em seguida, passar a uma breve comparação entre as historiografias de Southey e Thomas Babington Macaulay, realizada através da análise dos artigos que ambos produziram, no mesmo período, sobre a *Constitutional History of England* de Henry Hallam. De forma irônica, Macaulay parece defender a historiografia que Dias atribuiu a Southey. Desse modo, objetivo explicitar o total descompasso que existe entre o que Southey pensava que fazia e as linhas mestras do Romantismo. Por fim, realizo uma análise pontual de algumas partes do trabalho de Dias, que serviram para comprovar a sua hipótese de que a preocupação historiográfica central de Southey era reviver o passado.

**Palavras-chave:** História da historiografia, Romantismo, Robert Southey.

**Abstract:** The aim of this article is to situate Robert Southey in a new discursive context, different from the usual romantic one, to better understand his historiographical position, especially regarding the *History of Brazil* (1810-1819). In Brazil, Maria Odila da Silva Dias's statements, especially in *O fardo do homem branco* (1974), became prominent for the understanding of the *History of Brazil*. In this book, as in her master's dissertation, Dias presents the *History of Brazil* as a precursor of English Romanticism and as being largely concerned with reliving the past. I argue, throughout this paper, other research hypothesis which locates Southey in another discursive context, related to documentary research and the monumentalization of the past. For this, at first, I provide an overview of recent criticism on Romanticism within literary criticism and then undertake a brief comparison between Southey's and Thomas Babington Macaulay's historiographies, based on the analysis of articles that both wrote, in the same period, on Henry Hallam's

<sup>1</sup> Este artigo é resultado do doutorado que realizei, sob orientação do professor Temístocles Cezar, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*Constitutional History of England*. Ironically, Macaulay seems to argue in favor of the historiographical approach that Dias attributed to Southey. Thus, I aim to show the complete mismatch that exists between what Southey thought he was doing and the main characteristics of Romanticism. Finally, I provide a specific analysis of some parts of Dias's work, which served to prove her hypothesis that Southey's main historiographical concern was reliving the past.

**Keywords:** History of historiography, Romanticism, Robert Southey.

Apesar do reconhecimento de Robert Southey como um dos principais historiadores que versaram sobre a escrita da história luso-brasileira, o primeiro e único trabalho monográfico sobre a *History of Brazil* (1810-1819) foi publicado em 1974 por Maria Odila da Silva Dias com o título *O fardo do homem branco: Southey historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre)*. Nesse livro, oriundo de sua tese de doutorado, Dias apresenta uma leitura dessa monumental obra historiográfica como precursora do Romantismo inglês e fundamentalmente preocupada com o reviver histórico (Dias, 1974). Essa mesma hipótese havia sido anteriormente defendida na dissertação da autora intitulada “O Brasil na historiografia romântica inglesa. Um estudo de afinidades de visão histórica: Robert Southey e Walter Scott” (Curly, 1967). Nesses dois estudos, Dias busca entender a *History of Brazil* pelo prisma da historiografia romântica e conclui que Southey teria “uma concepção essencialmente intuitiva e sensível da história, o que lhe permitiria, aliás, desenvolver um método todo imaginativo de revivência empática do passado” (Dias, 1974, p. 60).

O objetivo central deste artigo é apresentar outra hipótese interpretativa da historiografia produzida por Southey, assim como realizar uma abordagem crítica de parte do trabalho de Dias. Southey nasceu na cidade de Bristol, Inglaterra, no ano de 1774 e veio a falecer em 1843, em Keswick, acometido por uma doença mental degenerativa. Ao longo da vida, Southey teve os mais vastos interesses literários, escreveu diversas obras poéticas e duas histórias – ademais a incompleta *History of Portugal* – além de numerosos ensaios e obras de outros gêneros. Começou na vida literária como poeta, mas no decorrer das décadas de 1800 e 1810 sentia-se menos engajado com a poesia, encarando-a mais como passatempo pessoal do que vocação pública. De fato, depois de muitas investidas na esfera poética, Southey acabou por abandonar esse gênero quase que por completo em prol do histórico e da prosa. Apesar da perda de centralidade em seus projetos editoriais, nunca deixou de escrever poesia, também por causa de sua nomeação como Poeta Laureado, em 1813, que lhe trazia o encargo de escrever poemas em ocasiões especiais (Speck, 2006; Storey, 2006).

O apagamento da importância de Robert Southey no cenário político-intelectual britânico ocorreu principalmente após os vitorianos começarem a considerar o Romantismo como uma influência dominante no início do século XIX (Speck, 2006, p. XVI). Os aspectos de intervenção social de suas obras e dos escritores ditos românticos foram totalmente ignorados pela crítica do século XX e somente há poucas décadas vêm sendo recolocados como centrais na vida cultural de finais do século XVIII e início do XIX. Southey estava envolvido em diversas questões e assuntos públicos, não sendo possível enquadrá-lo dentro da definição clássica do letrado romântico como um homem voltado para o espaço privado e introspectivo. Os interesses principais de Southey estavam nos debates públicos vigorosos e nas controvérsias políticas e literárias e não em uma vida privada contemplativa (Pratt, 2004), pois considerava que seu principal papel como escritor era mostrar os princípios morais corretos aos seus leitores (Bolton, 2007, p. 8). Existia, do mesmo modo, na época vitoriana, um pressuposto de que, de um lado, estariam os românticos, conservadores, idealistas e cultos, e, do outro, os utilitaristas, progressistas, materialistas e filisteus. A síntese da vida intelectual oitocentista entre esses dois grandes blocos dificultou a valorização do aspecto de intervenção social como componente daquela sociedade. O Romantismo também foi uma categoria, por muitos anos, ligada apenas à poesia e, assim, os escritos em prosa dos românticos foram descartados como objeto de análise junto com a tradição de crítica social que continham. Apenas a partir da década de 1930 as atenções foram voltadas para o discurso em prosa (Connell, 2005, p. 276-277).

Embora o enfoque da categoria Romantismo tenha sido extremamente influente na análise da produção literária da primeira metade do século XIX britânico, esse enfoque pode ser, na mesma medida, considerado problemático. A proposição de um pensamento romântico mostra-se enganosa principalmente porque cria a impressão de que havia um Iluminismo relativamente unificado, que foi suprimido por um Romantismo igualmente unificado (Craig, 2007, p. 4-6). A categoria Romantismo, de fato, nos ajuda a entender a história da literatura, em um sentido bastante amplo, mas não é efetiva como ferramenta

analítica das obras escritas no início do século XIX. Em outras palavras, não existe um objeto histórico de análise chamado Romantismo, mas a partir dele é possível entender a história da recepção literária (Perry, 2001, p. 9).

Não obstante o intrincado debate em relação ao Romantismo, a transposição dessa categoria como de relevância analítica para os estudos historiográficos gerou muitos erros interpretativos no que toca à *History of Brazil* de Robert Southey. Nessa história, Southey construiu uma narrativa linear, que pretendia ser um verdadeiro registro do passado, evitando digressões autorais – e muitas vezes analíticas – no texto. Southey não era um entusiasta do que chamou de história filosófica, pois julgava que as histórias produzidas por alguns historiadores segundo essas diretrizes tinham tendência determinista e acreditava que as generalizações feitas excluía a complexidade fática a fim de disfarçar possíveis inclinações políticas (Craig, 2007, p. 136-137). Esses historiadores, em sua opinião, acabavam por “levar ao extremo a influência das causas gerais, considerando os homens como plenas criaturas das circunstâncias em que eles são colocados, e tendo-os muito mais como marionetes de uma necessidade fatal do que como seres responsáveis, livres para escolherem entre o bem e o mal” (Southey, 1828b, p. 196).<sup>3</sup>

Se buscássemos definir um “alinhamento” historiográfico em que Southey estaria inserido, este certamente não estaria em sintonia com o cânone historiográfico britânico, já que os grandes escritores setecentistas – como David Hume e William Robertson – favoreceram em suas narrativas o universal em vez do peculiar (Phillips, 1989, p. 119). Southey igualmente não poderia ser enquadrado – caso esse fosse o objetivo – dentro de uma “nova” historiografia que tinha na evocação do passado o propósito central da história. No decorrer da análise de duas resenhas-ensaios que o Poeta Laureado e o jovem Thomas Babington Macaulay publicaram, respectivamente, no *Quarterly Review* e no *Edinburgh Review* – os dois principais periódicos britânicos da época – na década de 1820, espera-se, em um primeiro momento, pôr à mostra uma parte do universo discursivo mobilizado por ambos os escritores no intuito de salientar a diferença de seus projetos historiográficos e, a partir dessas constatações, pôr em evidência a dificuldade de enquadrar a historiografia de Southey como romântica. Em um segundo

momento, o debate torna-se um pouco mais específico sobre a concepção de história southeyana, tida pela crítica historiográfica como empática e preocupada com o reviver histórico, mas que, argumento, deve ser pensada dentro de outra realidade discursiva, relacionada com a pesquisa documental e a monumentalização do passado.

A divergência teórico-historiográfica entre Southey e Macaulay é bastante visível na análise das resenhas que produziram do livro *The Constitutional History of England from the Accession of Henry VII to the Death of George II*, escrito por Henry Hallam. As resenhas críticas de obras publicadas em periódicos como o *Quarterly* e o *Edinburgh*, de forma geral, eram muito mais do que juízos das obras recentemente lançadas, eram verdadeiros ensaios abrangentes sobre temas explorados no livro em questão (Hayden, 1969; Cutmore, 2008; Butler, 2010). A resenha de Southey foi publicada no *Quarterly Review* de janeiro-março de 1828 e contava com assustadoras 66 páginas. Poucos meses depois, Macaulay estampou a sua defesa de Hallam – e seu ataque a Southey – em 73 páginas da edição de setembro do *Edinburgh Review*. Henry Hallam, assim como Macaulay, contribuía regularmente para o *Edinburgh* com resenhas e fazia parte da ala *Whig*. Dentre suas obras, a *Constitutional History* foi a que teve maior destaque entre seus contemporâneos.

A avaliação negativa escrita por Southey da *Constitutional History* não foi bem recebida por Macaulay, que acreditava que Hallam “resume com uma imparcialidade calma, firme, não virando nem para direita nem para a esquerda, não evitando falar sobre nada, não exagerando nada” (Lord Macaulay, 1848, p. 66).<sup>4</sup> Essa tendência à imparcialidade de Hallam iria “[...] desgostar particularmente essas pessoas que, em suas especulações sobre política, não são pensadores, mas amadores”. Esse homem de extremos, “em cada partidário furioso ele vê ou o que ele é agora ou o que ele foi antigamente, o pensionista que é, ou o jacobino que foi” (Lord Macaulay, 1848, p. 67, grifos meus).<sup>5</sup> Macaulay nem precisaria nomear Southey como sendo o homem de extremos a que se referia tendo em vista os elementos introduzidos em seu texto, suficientes para que qualquer contemporâneo reconhecesse Southey em sua descrição.<sup>6</sup> A caracterização do pensamento de Southey como extremista, tendo a forte inclinação jacobina juvenil sido suplantada por um conservadorismo na idade adulta,

<sup>3</sup> Todas as traduções apresentadas no decorrer deste artigo foram realizadas por mim; em caso contrário, virá sinalizado o nome do tradutor. No original: “carry the influence of general causes too far, considering men as entirely the creatures of the circumstances wherein they are placed, and regarding them rather as the puppets of a fatal necessity, than as accountable beings, to whom it has been free to choose between good and evil”.

<sup>4</sup> No original: “He sums up with a calm, steady impartiality, turning neither to the right nor to the left, glossing over nothing, exaggerating nothing [...]”.

<sup>5</sup> No original: “[...] particularly disgust those people who, in their speculations on politics, are not reasoners but fanciers” [...] “In every furious partisan he sees either his present self or his former self, the pensioner that is, or the Jacobin that has been”.

<sup>6</sup> É certo que Macaulay conhecia a crítica de Southey a Hallam: “He [Southey] has treated Mr. Owen of Lanark, for example, with infinitely more respect than he has shown to Mr. Hallam or to Dr. Lingard; and this for no reason that we can discover, except that Mr. Owen is more unreasonably and hopelessly in the wrong than any speculator of our time” (Lord Macaulay, 1848, p. 123).

é típica da época e muito comum aos leitores desses periódicos. Southey também era, de fato, um pensionista do Estado devido ao seu posto de Poeta Laureado, o que só agregou mais força às críticas em relação à sua suposta apostasia política.

Tendo em vista as diferenças interpretativas sobre os rumos da sociedade passada ou presente, não é nenhuma surpresa que os ensaios de Southey e Macaulay tenham avaliações muito diversas sobre a qualidade da obra de Hallam. Contudo, o que interessa em especial é a definição feita por ambos nesses ensaios do ofício do historiador e de suas práticas.

## Quando os detalhes não tornam o passado presente

Parte considerável da resenha de Southey continha ataques aos julgamentos feitos por Hallam das ações de homens de destaque na política, como Henrique VII, Carlos I, Thomas Cranmer e William Laud. Segundo Southey, as análises incorretas de Hallam evidenciam que “o livro é a produção de um partidário resolutivo; apresentando não a história em si, mas o que é chamado de filosofia da história, e é para ser recebido com a maior suspeita, *porque diz respeito a deduções e não aos detalhes*”.<sup>7</sup> A *Constitutional History* não seria fruto de pesquisa acurada dos fatos, mas mera dedução, sem fundamento algum, da história. Em sua opinião, Hallam fazia parte do conjunto de escritores que preferiam dividir a história em partes – política, militar, religiosa, literária, comercial, etc. – e que, com isso, obscureciam “sua conexão mútua, sua influência e dependência” (Southey, 1828a, p. 194-195, grifos meus).<sup>8</sup> A história, contudo, seria lida, em sua opinião, com mais prazer e lembrada com mais facilidade se o historiador seguisse a “ordem natural da narração [...], que procede de acordo com o curso do tempo e eventos, e registra as coisas como elas são, misturadas nas preocupações múltiplas da sociedade”.<sup>9</sup> Qualquer obra de história estaria necessariamente subjugada à cronologia pelo simples fato de que “[...] o labirinto poderoso dos assuntos humanos não existe sem um plano e que os caminhos de Deus são justificados

pelo curso da Providência” (Southey, 1828a, p. 199).<sup>10</sup> Ao ignorar o plano cronológico traçado pela Providência, o historiador estaria automaticamente reorganizando e modificando o curso e a interpretação da história.

Na avaliação de Southey, Hallam também estaria errado ao ir de acordo com a máxima francesa que preceituava que “para ser um bom historiador, não se deve ter nenhuma religião, nenhum país, nenhuma profissão, nenhum partido”.<sup>11</sup> Exceto pela ligação política, os demais vínculos enriqueceriam a obra histórica, caso o historiador tivesse “uma sã consciência e uma intenção correta”. O historiador

*[...] se apresenta para a sua tarefa, não como um advogado com o objetivo de trazer à luz certas partes do caso, para quem sabe favorecer o lado que o contratou, e manter outras na escuridão; mas imbuído da certeza de uma responsabilidade mais séria e um dever maior. Ele exporá fielmente os fatos que cuidadosamente reuniu, e quando isso é realizado com um julgamento sólido, a melhor história será aquela que contém os máximos detalhes* (Southey, 1828a, p. 197, grifos meus).<sup>12</sup>

Visto que a fundamentação da história seria dada por meio dos fatos e não das generalizações, a principal tarefa do historiador não estaria na seleção de partes da história e nem mesmo na interpretação – vistas como indesejadas por Southey – mas na reunião dos fatos e na sua exposição detalhada. A obra histórica seria considerada imparcial não por causa da anulação do historiador enquanto ator social, mas pelo seu comprometimento com a história e pela sua retidão moral. Dessa forma, a convicção religiosa seria igualmente importante para quem desejasse escrever história, já que “quanto mais religioso um historiador é, mais imparciais serão suas afirmações, mais caridosa a sua disposição, mais abrangente a sua visão, mais esclarecida a sua filosofia”. O historiador deveria estar atento para o fato de que “apenas na religião é que a verdadeira filosofia pode ser encontrada; a filosofia que contempla o homem em todas as suas relações e em toda a sua natureza; que se baseia no conhecimento da natureza e que é derivada d’Ele que é o Começo e o fim” (Southey, 1828a, p. 197-198).<sup>13</sup>

<sup>7</sup> No original: “The book is the production of a decided partisan; presenting not the history itself, but what is called the philosophy of history, and to be received with the more suspicion, *because it deals in deductions and not in details*”.

<sup>8</sup> No original: “Their mutual connexion, their influence and dependence”.

<sup>9</sup> No original: “natural order of narration [...] which proceeds according to the course of time and events, and records things as they are intermingled in the multifold concerns of society”.

<sup>10</sup> No original: “[...] the mighty maze of human affairs is not without a plan; and that the ways of God are vindicated by the course of Providence”.

<sup>11</sup> No original: “Pour être bon historien, il ne faudroit être d’aucune religion, d’aucun pays, d’aucune profession, d’aucun parti”.

<sup>12</sup> No original: “[...] sane conscience and an upright intention [...] comes to his task, not like an advocate with the purpose of bringing forward such parts of the case as may favour the side on which he is retained, and of keeping others in the shade; *but under the sense of a more serious responsibility, and a higher duty. He will faithfully state the facts which he has carefully collected, and when this is performed with a sound judgment, the best history will be that which contains the fullest details*”.

<sup>13</sup> No original: “The more religious an historian is, the more impartial will be his statements, the more charitable his disposition, the more comprehensive his view, the more enlightened his philosophy. In religion alone is true philosophy to be found; the philosophy which contemplates man in all his relations, and in his whole nature; which is founded upon a knowledge of the nature, and which is derived from Him who is the Beginning and the end”.

A religião seria uma filosofia muito mais útil ao historiador ao fornecer princípios morais para o entendimento do homem e não prendê-lo a avaliações contemporâneas. No entendimento de Southey, a *Constitutional History* teria sido uma obra imparcial se Hallam tivesse sido um historiador com convicções religiosas e tivesse buscado o entendimento da história através do percurso traçado pela Providência, em vez de dedicar-se a generalizações que apenas objetivavam disfarçar escolhas pessoais.

A resenha de Macaulay da *Constitutional History* diferencia-se radicalmente da de Southey não apenas pela avaliação positiva – já esperada – da obra, mas pela completa mudança de vocabulário no que tange ao universo historiográfico. Em sua opinião, o historiador ideal seria aquele capaz de combinar imaginação e razão no intuito de criar uma “história viva” que tornasse o “passado presente” e trouxesse o “distante para perto”.<sup>14</sup> Razão e imaginação seriam faculdades igualmente importantes ao historiador, apesar de considerar que a última havia sido negligenciada nos últimos séculos. A parte racional das histórias apresentava aos leitores verdadeiros mapas em que o historiador aferia “com precisão as dimensões, as distâncias e os ângulos”. Em outro polo, situavam-se as obras históricas imaginativas nas quais o leitor encontrava a “paisagem pintada” diante dos seus olhos (Lord Macaulay, 1848, p. 65).<sup>15</sup> A boa história, para Macaulay, seria a fusão entre o ensaio e o romance histórico, deveria combinar o olhar de escultor de Walter Scott, que buscava “dar uma imagem clara e vívida de sua forma externa”, e o de anatomista de Hallam, que tinha como sua tarefa “dissecar o assunto até seu mais íntimo recôndito, e pôr a nu diante de nós todas as molas do movimento e todas as causas da decadência” (Lord Macaulay, 1848, p. 66).<sup>16</sup> A “história, ao menos em seu estado de perfeição ideal, é uma mistura de poesia e filosofia. Ela grava verdades gerais na mente por meio de uma representação viva de personalidades e incidentes específicos” (Lord Macaulay, 1848, p. 65).<sup>17</sup> Em sua resenha, Macaulay aponta a fusão entre razão e imaginação como o grande desafio narrativo vivido pelo historiador na década de 1820. Em suma, o historiador ideal deveria superar o divórcio entre a racionalidade dos

historiadores analíticos e o poder evocativo do romance histórico (Phillips, 2000, p. 41).

Algumas partes da teoria sobre a historiografia imaginativa haviam sido explicadas mais longamente por Macaulay na edição anterior do *Edinburgh Review*.<sup>18</sup> Ao longo do seu manifesto sobre o verdadeiro historiador e a correta escrita historiográfica, Macaulay reivindicava Heródoto como o mais antigo e o melhor entre os “historiadores românticos” pela sua “animação, sua ternura de um coração simples, seu maravilhoso talento para a descrição e diálogo, e o puro fluxo agradável de sua linguagem” (Macaulay, 1840, p. 179).<sup>19</sup> A história imaginativa de Heródoto havia fabricado um verdadeiro “estilo narrativo”, que “conta tudo dramaticamente”, tornando impossível para o leitor distinguir onde se encontrava a verdade no relato, pois “as ficções são tão parecidas com os fatos, e os fatos tão parecidos com as ficções” (Macaulay, 1840, p. 181).<sup>20</sup> Em sua opinião, na época em que Heródoto vivia, a filosofia estava em sua infância e a prosa era muito pouco difundida, o que contribuiu de forma direta para que “o interesse na narrativa e a beleza do estilo fossem ajudados pelo efeito de composição da recitação, – pelo esplendor do espetáculo –, pela poderosa influência da simpatia” (Macaulay, 1840, p. 182).<sup>21</sup>

Assim, a rusticidade da sociedade grega e sua tendência imaginativa permitiram ao temperamento poético chegar à perfeição (Otten, 1969, p. 36). Contudo, após a Guerra do Peloponeso, a Grécia passou por grandes mudanças, “onde milhares de intelectos aguçados e prontos eram constantemente empregados em especular sobre as qualidades das ações e sobre os princípios do governo, [sendo] impossível que a história mantivesse seu caráter antigo”, fazendo com que ela “se tornasse menos conversa banal e pitoresca, mas muito mais acurada e um pouco mais científica” (Macaulay, 1840, p. 186).<sup>22</sup> Com o desenvolvimento da razão e a proeminência da filosofia, a imaginação e o estilo foram suplantados como dignidades da história.

Mudanças igualmente significativas ocorreram durante os séculos posteriores, as quais contribuíram para o avanço da filosofia e da razão e desembocaram no ofuscamento completo da imaginação na escrita da história na época moderna. Os melhores historiadores

<sup>14</sup> No original: “living history” [...] “past present” [...] “distant near”.

<sup>15</sup> No original: “with accuracy the dimensions, and the angels” [...] “painted landscape”.

<sup>16</sup> No original: “give an express and lively image of its external form” [...] “dissect the subject to its inmost recesses, and to lay bare before us all the springs of motion and all the causes of decay”.

<sup>17</sup> No original: “History, at least in its state of ideal perfection, is a compound of poetry and philosophy. It impresses general truths on the mind by a vivid representation of particular characters and incidents”.

<sup>18</sup> O ensaio de Macaulay era para ser uma resenha do livro *The Romance of History*, England de Henry Neele, mas Macaulay não analisa e nem cita o livro em nenhuma linha.

<sup>19</sup> No original: “romantic historians” [...] “animation, his simple-hearted tenderness, his wonderful talent for description and dialogue, and the pure sweet flow of his language”.

<sup>20</sup> No original: “style of narration” [...] “tell everything dramatically” [...] “the fictions are so much like the facts, and the facts so much like the fictions”.

<sup>21</sup> No original: “the interest of the narrative, and the beauty of the style, were aided by the imposing effect of recitation, – by the splendor of the spectacle, – by the powerful influence of sympathy”.

<sup>22</sup> No original: “where thousands of keen and ready intellects were constantly employed in speculating on the qualities of actions, and on the principles of government, it was impossible that history should retain its old character” [...] “became less gossiping and less picturesque; but much more accurate, and somewhat more scientific”.



caíram na armadilha da razão, acreditando “na arte de deduzir um princípio geral dos fatos” e distorcendo “fatos para atender princípios gerais” (Macaulay, 1840, p. 217).<sup>23</sup> No entendimento de Macaulay, a boa história não seria produzida nem através da dedução baseada em um conjunto limitado de eventos, nem através da exaustão dos detalhes. A manipulação histórica só poderia ser evitada através do efeito do todo propiciado pela vivacidade narrativa gerada pela seleção dos aspectos principais da época.

Os historiadores não deveriam se preocupar com “as artes da controvérsia” que levavam apenas a “negligenciar miseravelmente a arte da narração, a arte de interessar as afeições e apresentar quadros à imaginação”. A dignidade da história não estava na apresentação de opiniões diversas sobre um tópico, nem na fabricação de princípios gerais, mas no impacto de seus cenários. Enquanto os historiadores não entenderem a importância da imaginação, enquanto pensarem que “rebaixa a dignidade dos homens que descrevem as revoluções das nações, debruçar-se sobre os detalhes que constituem o encanto da biografia”, Macaulay profetizava que suas histórias continuariam “não lidas nas prateleiras de bibliotecas ostentatórias” (Macaulay, 1840, p. 221).<sup>24</sup>

Macaulay via na negligência da imaginação o grande problema dos historiadores contemporâneos que, concentrando-se em fatos e datas, produziam uma história árida e sem vida. A faculdade da imaginação, apesar de ligada ao ficcional, comportaria uma verdade diferente da razão, uma verdade do coração humano, que fornecia ao historiador particulares e vivacidade capazes de contribuir para a criação de um efeito nas emoções de seus leitores (Otten, 1969, p. 40-42). A razão obviamente era importante para o trabalho histórico, pois permitia “extrair a filosofia da história, dirigir nosso julgamento dos eventos e dos homens, traçar a conexão de causas e efeitos e extrair dos acontecimentos dos tempos passados as lições gerais de moral e sabedoria política” (Lord Macaulay, 1848, p. 65),<sup>25</sup> mas os historiadores deveriam igualmente trazer a imaginação de volta à história, lançarem mão de estratégias retóricas e descritivas empregadas no romance histórico para tornarem suas histórias mais vívidas. O historiador, para Macaulay, deveria lembrar que a verdade literária existia apesar de ser construída de forma diferente, ou seja, através de associações imaginativas presentes na poesia (Otten, 1969, p. 36).

A evocação do passado seria alcançada com maior facilidade com uma “criteriosa seleção, rejeição e arranjo, [que] dá à verdade aqueles encantos que são usurpados pela ficção” (Lord Macaulay, 1848, p. 187).<sup>26</sup> Em suma, a imaginação deveria:

*tornar o passado presente, trazer o distante para perto, nos colocar na sociedade de um grande homem ou no cume que contempla o campo de uma grande batalha, cobrir com a realidade da carne humana e do sangue dos seres que estamos demasiadamente inclinados a considerar como tendo personificado as qualidades em uma alegoria, chamar nossos antepassados diante de nós com todas as suas peculiaridades da linguagem, costumes e roupas, nos mostrar novamente as suas casas, nos colocar em suas mesas, vasculhar seus roupeiros antiquados, explicar os usos de suas mobílias pesadas, essas partes do dever que propriamente pertencem ao historiador foram apropriadas pelo romancista histórico (Lord Macaulay, 1848, p. 65, grifos meus).*<sup>27</sup>

O historiador teria permitido ao romancista histórico invadir e dominar seu território, usurpando a imaginação e transformando-a em componente exclusivo da ficção e deixando, assim, a história incompleta e desnuda. As alegações de Macaulay sugerem que a ficção teria se apropriado dos recursos históricos na forma do romance histórico e, conseqüentemente, anulado a evocação do passado como propósito central da história (Phillips, 1989, p. 119, 128). Muitos dos termos mobilizados por Macaulay pertenciam ao vocabulário da crítica literária de finais do século XVIII e não faziam parte das discussões sobre história. O vocabulário da teoria literária, que colocava sentimento e imaginação no centro da literatura, foi incorporado conscientemente por Macaulay na sua crítica à historiografia contemporânea como uma forma literária que negligenciava a arte da narração, de interessar as afeições e de apresentar quadros à imaginação. Em seu diagnóstico, os escritores de história deveriam reconhecer a amplitude da obra histórica para que fosse possível surgir o grande historiador que, com uma imaginação disciplinada, pudesse unir mais uma vez a representação acurada com a instrução vívida (Phillips, 1989, p. 121).

<sup>23</sup> No original: “in the art of deducing general principal from facts” [...] “facts to suit general principles”.

<sup>24</sup> No original: “the arts of controversy” [...] “miserably neglect the art of narration, the art of interesting the affections, and presenting pictures to the imagination” [...] “beneath the dignity of men who describe the revolutions of nations, to dwell on the details which constitute the charm of biography” [...] “unread on the shelves of ostentatious libraries”.

<sup>25</sup> No original: “to extract the philosophy of history, to direct our judgment of events and men, to trace the connexion of causes and effects, and to draw from the occurrences of former times general lessons of moral and political wisdom”.

<sup>26</sup> No original: “by judicious selection, rejection, and arrangement, he gives to truth those attractions which have been usurped by fiction”.

<sup>27</sup> No original: “To make the past present, to bring the distant near, to place us in the society of a great man or on the eminence which overlooks the field of a mighty battle, to invest with the reality of human flesh and blood beings whom we are too much inclined to consider as personified qualities in an allegory, to call up our ancestors before us with all their peculiarities of language, manners, and garb, to show us over their houses, to seat us at their tables, to rummage their old-fashioned wardrobes, to explain the uses of their ponderous furniture, these parts of the duty which properly belongs to the historian have been appropriated by the historical novelist”.

Estariamos, então, diante de uma verdadeira aporia caso estivéssemos de acordo com a interpretação tradicional do romantismo britânico como um movimento que teria vigorado entre 1780-1830 e dos poetas românticos como reconhecedores da centralidade da imaginação para a literatura e, por derivação, para a história (Phillips, 1989, p. 121). O poeta da chamada primeira geração romântica Robert Southey não parecia se preocupar muito em escrever uma história viva e, diferentemente de Macaulay, em nenhum momento, para além desse pequeno exemplo exposto, articulou os vocabulários associados à imaginação como relevantes para a historiografia e nem o reviver o passado como sua tarefa central. De forma irônica, Macaulay parece defender a historiografia que Dias legava a Southey ao colocar como função central da história “tornar o passado presente, trazer o distante para perto”.

## Reviver ou reunir o passado?

Apesar de a *History of Brazil* ser tida pela historiografia, de forma geral, como a primeira obra completa de história do Brasil publicada, ainda não obteve uma grande variedade de estudos. Sua importância não reside apenas na construção do Brasil enquanto um país com uma história própria, ainda que fortemente devedora de Portugal, mas também para o entendimento das práticas e concepções históricas fundamentadoras da historiografia enquanto prática discursiva. Como já mencionado, fora do cenário brasileiro não existe nenhuma obra dedicada a analisar a *History of Brazil*, sendo a maioria dos estudos sobre Southey voltados para seus escritos em verso. Ao analisarmos ambas as publicações anteriormente mencionadas de Maria Odila da Silva Dias, o conceito de *reviver* é posto claramente pela autora como peça-chave no entendimento da proposta historiográfica do Poeta Laureado. O sentimento de reviver o passado, dessa forma, seria o efeito principal que as longas descrições feitas por Southey objetivavam produzir em seu leitor.

Ao longo das análises de Dias, principalmente na dissertação publicada nos *Anais do Museu Paulista*, existem diversas citações de Southey, traduzidas livremente pela autora, que são postas como comprovação de sua hipótese. Contudo, quando as passagens em inglês são verificadas, algumas divergências substanciais entre a tradução feita e o que está escrito nos originais são bastante visíveis. Explorar todas as passagens de forma exaustiva acarretaria um trabalho monográfico que visasse apenas à comparação dos trechos, dada a complexidade e variedade das adaptações

feitas. São inúmeros os casos em que citações são trazidas fora de seu contexto, adaptadas sem nenhuma indicação ou mesmo informações erradas são apresentadas, ao ponto de Dias afirmar que Southey estava se referindo à obra de David Hume enquanto, na verdade, Southey escrevia sobre Henry Hallam (Dias, 1974, p. 78-79; cf. Southey, 1828a, p. 194). Com isso, optou-se por realizar a escolha de algumas passagens exemplificadoras dessa questão.

Quando Dias descreveu as propostas de Southey e Walter Scott para a história, afirmou que ambos entendiam que “escrever a história subentendia ainda certa atividade afetiva, e de simpatia com os homens do passado, – atividade subjetiva a que deveria corresponder um estilo peculiar de narrativa”. Como comprovação de sua proposição, cita a tradução das palavras de Southey em uma carta a John May:

*não se tratava apenas de preencher uma cronologia, mas de reviver, de reencarnar os modos e os temperamentos dos homens (Curly, 1967, p. 13, grifos meus).<sup>28</sup>*

Contudo, Southey escreveu a May as seguintes palavras:

*mas eles [os dramaturgos e romancistas] prestam atenção apenas à cronologia e deixam de lado os costumes e o pensamento do período (Southey, 1855, p. 107).<sup>29</sup>*

Quando existe a possibilidade de cotejar os dois trechos, é possível ver claramente a discrepância entre o que foi originalmente escrito em inglês e a tradução. Esse movimento não é possível de ser feito dentro do texto de Dias tendo em vista que são raros os casos em que apresenta ao seu leitor o texto original. Além disso, as cartas e demais fontes citadas pela autora, até pouco tempo, ou encontravam-se exclusivamente em arquivos ingleses ou eram edições do século XIX, que não obtiveram reimpressão. Mesmo levando em consideração que o trecho apresentado acima é uma tradução livre para a língua portuguesa, a diferença de significado das duas frases é patente. Não existe dúvida de que ambas as citações referem-se à mesma carta, mas a adaptação realizada foi tão grande que só é possível distinguir que se trata da carta citada por Dias pela data e destinatário da mesma, assim como pela permanência de algumas palavras na tradução que constavam no original. Como se pode ver através da comparação dos dois trechos, ao reescrever a carta de

<sup>28</sup> Apesar de não constituir uma citação de mais de três linhas, julgamos necessário destacar esse trecho pelo seu valor analítico.

<sup>29</sup> A carta, na verdade, é de 14 de dezembro de 1798 e não 15 de dezembro, como indica Dias. No original: “but they [dramatist and novelists] only pay attention to the chronology, and not to the manners or mind of the period”.

Southey, Dias inseriu as palavras “reviver” e “reencarnar”, que condizem com a sua hipótese argumentativa, dentro do horizonte discursivo de Southey a fim de criar o efeito de verdade para sua proposição.

Dias indica também quais seriam os requisitos essenciais para o verdadeiro historiador na perspectiva de Southey: “o dom de reproduzir com fidelidade os costumes de outros tempos; um estilo apto a transmitir a atmosfera, o espírito de uma outra época e a capacidade de ressuscitar uma realidade extinta e, pois, de impressionar e prender os leitores”. Dessa forma, “para que [a narrativa] fosse completa, algo deveria ser acrescentado à objetividade e ao rigor crítico de uma obra histórica, pois os fatos deviam despertar os sentimentos do leitor a fim de ficarem gravados em sua memória” (Curly, 1967, p. 15). Logo no final dessa frase insere uma nota de rodapé em que cita as palavras de Southey como balizadoras de sua análise: “... to be understood, and felt and remembered...” (Carta de Southey a Mr. Ebenezer [...]).<sup>30</sup> Ao que tudo indica, a citação do original em inglês de Southey avaliaria a proposta da autora em relação ao reviver histórico; contudo, quando se analisa um fragmento maior da carta, tal proposição parece não se sustentar. Na carta citada, Southey se referia ao estilo de seu poema épico *Madoc* (1805) e argumentava que

*minha norma de escrita, seja para prosa ou verso, é a mesma, e pode ser brevemente especificada. Isto é, primeiro, me expressar com a maior perspicuidade possível, segundo, ser o mais conciso possível e, terceiro, o mais impressionante possível. Essa é a forma para ser entendido, sentido e lembrado (Southey, 1855, p. 267).*<sup>31</sup>

Em momento algum Southey toca no assunto do “despertar os sentimentos do leitor” ou em “ressuscitar uma realidade extinta”, pois provavelmente seus pensamentos estavam mais preocupados com o impacto retórico que poderia causar aos seus leitores do que com a proposta historiográfica dita romântica de reviver o passado. A descontextualização das palavras de Southey é um artifício utilizado com frequência nos dois textos de Dias no intuito de adaptar as proposições de Southey às suas hipóteses de pesquisa.

Dando continuidade ao seu argumento de que Southey seria o precursor de uma nova historiografia, essencialmente romântica e profundamente preocupada com o reviver histórico, Dias apresenta a tradução livre de mais uma carta de Southey: “uma coisa sobretudo hei de tentar escrevendo história, entrelaçar tanto quanto possível, na narrativa, os estudos e os modos da época, de sorte a aproximar-me, nesse ponto, mais dos velhos cronistas do que dos modernos historiadores”.<sup>32</sup> A citação das palavras traduzidas de Southey é o que permite à autora afirmar que “tinham [Southey e Scott] a intenção de reviver os hábitos, os sentimentos e a mentalidade dos velhos tempos sem relegá-los, como Hume, para apêndices e notas”.<sup>33</sup> Pesquisando a carta na íntegra, podemos verificar o argumento de Southey mais claramente:

*Uma coisa, particularmente, eu devo tentar realizar ao escrever história – tecer as maneiras dos tempos, tanto quanto for possível ser feito, dentro da narrativa, em vez de encher o livro com capítulos de anexo e, neste ponto, parecer mais com os velhos cronistas que com os historiadores modernos (Southey in Robberds, 1843, p. 342).*<sup>34</sup>

Existe uma diferença sutil, mas importante, dos trechos traduzidos por Dias e a carta em si. Southey parece apenas elucidar que não pretendia incluir apêndices em sua obra e, para não ter que recorrer a essa estratégia, tentaria entrelaçar ao máximo as maneiras na narrativa, o que, de fato, deixou sua *History* bastante longa e repleta de muitos detalhes. Novamente não existe a incorporação do conceito, que parece mais uma categoria apropriada por Dias da literatura sobre o Romantismo, de reviver no vocabulário utilizado por Southey. A possibilidade de a erudição gerar um tipo de presentificação do passado já foi anteriormente ressaltada (Araujo, 2006, p. 324).<sup>35</sup> Apesar disso, é importante frisar que não existe uma equação perfeita entre descrição e reviver o passado, tendo em vista que nem toda descrição tem esse caráter epifânico e, fundamentalmente, não visa a este fim. As descrições produzidas por Southey devem ser entendidas no contexto mais amplo das disputas sobre as formas de escrita da história e do papel da erudição e do antiquário na historiografia.

<sup>30</sup> Tradução: “...para ser entendido, sentido e lembrado...”.

<sup>31</sup> No original: “my rule of writing, whether for prose or verse, is the same, and may very shortly be stated. It is, to express myself 1<sup>st</sup>, as perspicuously as possible; 2<sup>nd</sup>, as concisely as possible; 3<sup>rd</sup>, as impressively as possible. This is the way to be understood, and felt, and remembered”.

<sup>32</sup> As três citações que seguem da obra de Dias se referem à Curly, 1967, p. 13-14. Essa primeira passagem também é citada em Dias, 1974, p. 73. Contudo, o trecho traduzido por “entrelaçar tanto quanto possível na narrativa, os estudos e os modos da época” é modificado para “entrelaçar tanto quanto possível na narrativa os estilos e os maneirismos da época”. Dias não apresenta o original em inglês.

<sup>33</sup> Ao fim desse trecho, Dias cita em nota de rodapé a seguinte parte da carta que havia traduzido anteriormente: “to weave the manners of times, as far as possibly can be done, into the narrative, instead of crowding the volume with appendix chapters”.

<sup>34</sup> No original: “One thing I shall especially attempt in writing history – to weave the manners of times, as far as possibly can be done, into the narrative, instead of crowding the volume with appendix chapters; rather, in this point to resemble the old chroniclers than the modern historians”.

<sup>35</sup> Uma argumentação também nesse sentido, mas de forma bastante distinta, pode ser encontrada em Bann, 1994, p. 129-152.



Em momento algum conseguimos delimitar uma passagem na qual Southey afirme que sua historiografia estaria preocupada com o reviver histórico. Pelo contrário, todos os indícios que temos são de que sua fixação pelas descrições detalhadas não se refere ao desejo de reviver o passado, mas é manifestação de um erudito que acreditava que a tarefa do historiador era *reunir* a documentação existente sobre o assunto. Quando Southey escrevia o terceiro volume da *History of Brazil*, deparou-se com a falta de informações sobre alguns anos que sua obra abordava e pensou: “[...] ali, então, eu certamente deveria exibir uma descrição dos costumes etc., e a minha principal dificuldade será manter o livro dentro de seus limites, pois, por amar o máximo de informação, a prolixidade de assuntos (não de costumes) é o pecado que mais comumente me acomete” (Southey in Leão, 1943, p. 54).<sup>36</sup> Sua narrativa tendia, devido às suas inclinações eruditas e sua concepção de história, a longas descrições e amplo conjunto de informações.

A defesa da unidade do chamado período romântico foi corrente após a década de 1920 e fortemente balizada pelas histórias literárias comparativas que reforçavam a existência de ideais-chave que teriam se perpetuado por um longo período em diversos contextos nacionais (Hogle, 2010, p. 6). Nesse processo camaleônico de identificação e construção dos conceitos centrais do Romantismo e do seu cânone, muitas interpretações foram feitas e propostas (Ferber, 2010; Hogle, 2010, p. 1-33). A tese de Dias de que “a *História do Brasil* de Southey foi em sua época uma obra pioneira da nova narrativa e da visão imaginativa da história”, que estava “na vanguarda da historiografia romântica” (Curly, 1967, p. 52, 102), parece-me tão insustentável quanto o próprio conceito de Romantismo.

## Pesquisar, reunir e monumentalizar o passado

Entre os anos de 1809 e 1813, Southey contribuiu para o periódico *Edinburgh Annual Register* na escrita do que se propunha ser os anais da história contemporânea da Europa.<sup>37</sup> Nessa época, recebeu censuras quanto à minúcia das informações e à consequente extensão do seu relato. A parte que escreveu para o primeiro volume do

*Edinburgh Annual Register*, relativo ao ano de 1808, continha aproximadamente 250 mil palavras, mas já no segundo volume essa quantidade havia praticamente triplicado. O próprio editor, John Ballantyne, tentou persuadi-lo a cortar algumas páginas, mas, tendo falhado em sua missão, viu-se obrigado a justificar, nas páginas da advertência, esse incontornável impasse aos assinantes do anuário (Speck, 2006, p. 142). Southey pensava que:

*À acusação de falta de condensação eu posso melhor responder: o [presente] número está sobre a mesma escala que o seu antecessor e seu tamanho é devido à maior quantidade de matéria que o ano oferecia. [...] Eu acredito que a censura implica um elogio ao trabalho, pois significa que as pessoas desejam ler o livro, mas ainda não querem dar tanto tempo a ele, como requer a sua extensão. Ora, os “Annual Registers” até o momento não foram lidos: eles são declaradamente antes obras para referência do que para a leitura e, portanto, quanto mais minuciosos forem, melhor responderão à finalidade para a qual foram concebidos. Se, portanto, aquele que lê o livro agora pensa que essa é uma tarefa que dura muito tempo, quem consultá-lo daqui a dez anos não estará disposto a censurá-lo em relação a isso (Southey in Warter, 1856a, p. 250).<sup>38</sup>*

A escrita narrativa vastamente minuciosa – e volumosa – apresenta-se, em parte, como uma característica da prosa histórica de Southey, mas igualmente é importante salientar que Southey e seus contemporâneos pareciam não concordar com a pluralidade de objetivos que uma história poderia ter e que seriam esses objetivos, fundamentalmente, que definiriam a realização da obra. O *Edinburgh Annual Register*, assim como a *History of Brazil*, eram “declaradamente antes obras para referência do que para a leitura”. A natureza de um anuário, assim como de uma história, acreditava Southey, pedia que o maior número de informação fosse reunido, e, se a crítica ao seu trabalho apontava que isso havia ocorrido, significava que o havia realizado adequadamente.

Essa queixa lhe foi apresentada “como sendo um mal grave”, mas, de maneira oposta, pensava que, além de tais críticas não o influenciarem em absolutamente nada, considerava-as injustas, pois “em uma história deste tipo,

<sup>36</sup> Carta a Henry Koster, sem data. No original: “[...] so there of course I must bring in the picture of manners etc..., and the main difficulty will be to keep within the limits of the volume, for loving the fullest information myself, prolixity of matters (not of manners) is the sin which most easily besets me”.

<sup>37</sup> Southey utilizou diversos materiais pesquisados para a escrita da parte histórica da *Edinburgh Annual Register* em sua *History of the Peninsular War* (Speck, 2006, p. 153).

<sup>38</sup> Carta a Charles Wynn, Keswick, 4 de fevereiro de 1812. No original: “To the charge of want of compression I can better reply: the volume is upon the same scale as its predecessor, and its bulk is owing to the greater quantity of the matter which the year afforded. [...] I believe the censure is one which implies a compliment to the work; for it means that people wish to read the book, and yet do not wish to give so much time to it as the length requires. Now ‘Annual Registers’ have hitherto not been read: they are professedly works rather for reference than for reading; and therefore the more minute they are, the better they answer the purpose for which they are designed. If, therefore, he who reads the book now thinks it too long, he who consults it ten years hence will not be disposed to censure it upon that score”.

o trabalho do *analista* não é tanto considerar a *diversão* de sua própria época, mas a *informação* de quem está para vir depois dele” (Southey in Knight, 1887, p. 143, grifos meus).<sup>39</sup> A história, em sua opinião, não era um passatempo, que deveria ser adaptada ao gosto do leitor, mas um gênero literário que requeria grande precisão e o maior levantamento documental possível. Southey não partilhava do entendimento que tinham alguns de seus leitores da história como uma composição panorâmica, que contribuía para o divertimento pessoal e que deveria ser narrada segundo a brevidade do gosto da época. O descompasso entre Southey e alguns leitores da sua prosa histórica residia no entendimento diverso do que seria um livro de história e seu público. Erravam em suas críticas ao imaginar que Southey escrevia para o público comum e que tinha como meta instruí-los e entretê-los. Southey estava seguro de que essa não era a sua tarefa, não visava tornar a história brasileira uma moda, difundir-la entre os círculos letrados ingleses, colorir-la com as inúmeras cores disponíveis na literatura, mas *reunir* um conjunto sólido de material em uma *compilação* que pudesse lutar e vencer o tempo.

Se alguns leitores não apreciavam o que escrevia, ele, em seu turno, pensava que

*Sou mais bem pago para o que vale menos, e se eu consultasse apenas o meu próprio interesse, não deveria deixar nada para a posteridade, mas empregar-me totalmente em escrever tais ensaios desconexos que aparecem dentro dos limites de uma resenha e, por isso, não invadem demais o lazer de um leitor moderno* (Southey in Knight, 1887, p. 143, grifos meus).<sup>40</sup>

Em última instância, o tempo que os leitores oitocentistas estavam dispostos a empregar na leitura de histórias era incompatível com o tempo requisitado por um livro que buscava informar em vez de entreter. As obras historiográficas de Southey, inclusive a *History of Brazil*, eram entendidas como um legado para as futuras gerações, escrito com cuidadosa minúcia de modo a não deixar que nada de importante escapasse e acabasse se perdendo com

o passar do tempo. Para tal tarefa, era mais importante *reunir* do que *reviver* o passado. Assim explicava Southey nas últimas linhas da *History of Brazil*:

*Com que cuidado foi composta a obra, e com quão longa e diligente pesquisa de materiais, facilmente o perceberão os leitores inteligentes: o mais censório d'entre eles não será mais rigoroso para com os inevitáveis defeitos d'este trabalho, do que o sou eu mesmo. Mas se o valor d'uma obra histórica está na proporção da massa dos fatos que ela incorporou, da fidelidade com que são relatados, e da adição que d'ali resulta para a soma de conhecimentos gerais, posso afirmar a respeito d'esta história, imperfeita como é, que a tais respeito não tem ela sido muitas vezes igualada, nem facilmente será excedida. Popular não pode ela ser no país em que a escrevo, tão remoto o assunto e tão extensa a obra; mas leitores competentes sei que há de encontrá-los, e ao mundo a entrego com indiferença quanto ao seu acolhimento imediato, e inteira confiança na aprovação dos homens para quem a escrevi, e dos séculos a que a lego* (Southey, 1862, p. 539-540, grifos meus).<sup>41</sup>

A *History of Brazil* foi pensada para ser um monumento escrito para o qual as gerações futuras pudessem olhar e guardar os acontecimentos pretéritos. Esse monumento deveria ser construído não com o auxílio da interpretação e seleção dos fatos ocorridos, mas pela *compilação* das fontes. História, para Southey, era quase sinônimo de anais na medida em que buscava ser o relato preciso dos acontecimentos e não interpretação da própria história. Descrevia sintomaticamente o seu trabalho de compor a *History of Brazil* como o de um escritor de anais, um “annalist”, julgava que essa obra “à qual muito trabalho assim como escrupulosa pesquisa têm sido aplicados, como jamais foi ou será dado quando se trata de *compilação histórica*” (Southey in Holland e Everett, 1855, p. 334, grifo meu).<sup>42</sup> Em 1819, quando saiu o último volume da *History of Brazil*, Southey escrevia que estava próximo “do fim do trabalho mais longo e mais árduo” de toda a sua vida e para o qual havia dedicado dez longos anos.

<sup>39</sup> Carta a Sir George Beaumont, Keswick, 28 de setembro de 1811. No original: “In a history of this kind it is the business of the *annalist* not so much to regard the *amusement* of his own age as the *information* of those who are to come after him”.

<sup>40</sup> Southey se refere aos ensaios que escrevia para o periódico *Quarterly Review*. Carta a Sir George Beaumont, Keswick, 28 de setembro de 1811. No original: “I am best paid for what is worth least; and if I consulted merely my own interest, should leave nothing for posterity, but employ myself wholly in writing such desultory essays as come within the limits of a review, and therefore do not trespass too much upon the *leisure* of a modern reader”.

<sup>41</sup> No original: “How carefully it has been composed, and with what long and diligent research, the judicious reader may perceive: the most censorious one will not be so sensible of its inevitable imperfections as I myself. But if the value of an historical work be in proportion to the store of facts which it has first embodied, to the fidelity with which they are recorded, and to the addition which thereby is made to the stores of general knowledge, then may I affirm of the present History, imperfect as it is, that in these respects it has not often been equalled, and will not easily be surpassed. Popular it cannot be, because of the remoteness of the subject, and the extent of the work; fit audience however I know that it will find; and I deliver it to the world with proper indifference as to its immediate reception, in full reliance upon the approbation of those persons for whom it has been written, and of those ages to which it is bequeathed” (Southey, 1819, p. 879, grifos meus).

<sup>42</sup> Carta a James Montgomery, Keswick, 26 de março de 1812. No original: “upon which as much labour and scrupulous research has been bestowed as ever was or will be given to historical compilation”.

Naquele momento, acreditava que “nenhuma história jamais foi antes *compilada*, com tal diligência infatigável, a partir de documentos dispersos” (Southey in Knight, 1887, p. 186, grifo meu).<sup>43</sup>

A reunião da documentação, a solidez de sua história do ponto de vista da pesquisa documental, era o que sustentaria a *History of Brazil* durante os séculos e não, como propôs Dias, uma visão empático-romântica do passado que objetivava revivê-lo. Em uma de suas cartas, Southey reconhecia que, “para mim, a melhor escultura em comparação com uma pintura parece ser uma fria abstração”:

*Mas, por outro lado, há uma durabilidade no mármore que afeta minha mente de uma maneira muito forte [...] e neste mundo de decadência e mudança é consolador contemplar qualquer coisa sobre a qual o tempo não tem nenhum poder. Portanto, se, como Canova, eu pudesse ter escolhido entre as duas artes, eu teria, como ele, confiado a minha fama ao mármore em vez da tela* (Southey in Knight, 1887, p. 207, grifo meu).<sup>44</sup>

Southey escolheu a dureza e longevidade do mármore, em vez da impermanência da pintura e de suas tintas. A *History of Brazil* não deve ser entendida como uma obra de pintura sobre tela, mas como uma obra em mármore, que deve sua durabilidade à escrupulosa pesquisa documental. Southey certamente pensava nesses termos quando iniciou as pesquisas sobre a história do império português, que teve como única publicação a *History of Brazil*. Utilizava a mesma metáfora para se referir ao levantamento documental que realizava em Lisboa: “agora eu só empilho mármore: o edifício deve ser construído na Inglaterra, mas devo voltar novamente para a pedra”. O futuro leitor dessa história “vai encontrar meu estilo simples e curto e de significado condensado, – simples como um edifício dórico, e, espero, de durabilidade eterna” (Southey, 1850, p. 133).<sup>45</sup> A aceleração do tempo histórico, sentida por meio da voracidade do tempo, era respondida por Southey em termos de monumentalização do passado.

O descompasso entre a expectativa e a experiência de leitura de Southey e alguns de seus leitores não estava relacionado apenas ao seu estilo de escrita – minucioso e enfadonho – e à abrangência do relato, mas também pode

ser interpretado como um sintoma de uma divergência teórica mais profunda relacionada ao papel social da história. Enquanto os leitores trabalhavam com um horizonte típico do século XVIII, em que termos como ensinar e entreter eram constantemente evocados para legitimar a importância social das obras de história, Southey avaliava a história em termos enciclopédicos e monumentais, como uma obra de referência. Em que medida Southey estaria em descompasso com seu tempo por um atraso – escrevendo como um cronista – ou por antecipação – privilegiando a pesquisa documental – não cabe-me dizer. Não obstante, Southey parece ter acertado ao pensar que a *History of Brazil* era um “trabalho sobre a qual minha reputação pode descansar com segurança” (Southey in Warter, 1856b, p. 132).<sup>46</sup>

## Referências

- ARAUJO, V.L. de. 2006. Para além da autoconsciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht. *Varia Historia*, 22(36):314-328. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752006000200005>
- BANN, S. 1994. Clio em parte: sobre o antiquariado e fragmento histórico. In: S. BANN, *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo, UNESP, p. 129-152.
- BOLTON, C. 2007. *Writing the Empire: Robert Southey and Romantic Colonialism*. London, Pickering & Chatto, 332 p.
- BUTLER, M. 2010. Culture's medium: the role of the Review. In: S. CURRAN (ed.), *The Cambridge companion to British Romanticism*. 2ª ed., Cambridge, Cambridge University Press, p. 127-152.
- CONNELL, P. 2005. *Romanticism, economics and the question of culture*. Oxford, Oxford University Press, 354 p. <http://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199282050.001.0001>
- CRAIG, D. 2007. *Robert Southey and romantic apostasy: political argument in Britain 1780-1840*. London, Royal Historical Society; Boydell Press, 250 p.
- CURLY, M.O.D. 1967. O Brasil na historiografia romântica inglesa: um estudo de afinidades de visão histórica: Robert Southey e Walter Scott. *Anais do Museu Paulista*, 21:7-108.
- CUTMORE, J. 2008. *Contributors to The Quarterly Review: a history, 1809-1825*. London, Pickering & Chatto, 260 p.
- DIAS, M.O. da S. 1974. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 298 p.
- FERBER, M.E. 2010. *Romanticism: a very short introduction*. Oxford, Oxford University Press, 168 p. <http://dx.doi.org/10.1093/actrade/9780199568918.001.0001>
- HAYDEN, J.O. 1969. *The romantic reviewers, 1802-1824*. London, Routledge & Kegan Paul, 330 p.
- HOGLE, J.E. 2010. Romanticism and the “schools” of criticism and theory. In: S. CURRAN (ed.), *The Cambridge companion to*

<sup>43</sup> Carta a Sir George Beaumont, Keswick, 8 de fevereiro de 1819. No original: “of a long and most arduous labour” [...] “I believe no History was ever before *compiled* with such unweariable diligence from scattered documents”.

<sup>44</sup> Carta a Sir George Beaumont, Keswick, 8 de outubro de 1822. No original: “To me the finest sculpture compared with a picture seems like a cold abstraction” [...] “But on the other hand there is a durability in marble which affects my mind very strongly [...] and in this world of *decay and change* it is consolatory to contemplate anything over which time has no power. *Therefore if, like Canova, I could have chosen between the two arts, I should, like him, have trusted my fame to marble rather than to canvas*”.

<sup>45</sup> Carta a Charles Wynn, Lisboa, 21 de fevereiro de 1801. No original: “Now I only heap marble: the edifice must be erected in England; but I must return again to the quarry” [...] “You will find my style plain and short, and of condensed meaning, – plain as a Doric building, and, I trust, of eternal durability”. Os editores da *Collect Letters of Robert Southey* indicam que Southey estaria se referindo à inacabada *History of Portugal*.

<sup>46</sup> Carta a Longman and Co., 7 de maio de 1819. No original: “work upon which my reputation may safely rest”.

- British Romanticism*. 2ª ed., Cambridge, Cambridge University Press, p. 1-33.
- HOLLAND, J.; EVERETT, J. 1855. *Memoirs of the life and writings of James Montgomery*. London, Longman, Brown, Green and Longmans, vol. II, 366 p.
- KNIGHT, W. 1887. *Memorials of Coleorton*. Edinburgh, Davis Douglas, vol. 2, 294 p.
- LEÃO, J. de S.C. (ed.). 1943. Cartas de Robert Southey a Theodore Koster e a Henry Koster: anos de 1804 a 1819. *RIHGB*, **178**:33-60.
- LORD MACAULAY. 1848. *Critical and historical essays contributed to the Edinburgh Review*. 5ª ed., London, Longman, Brown, Green, and Longmans, vol. I, 330 p.
- MACAULAY, T.B. 1840. History. In: T.B. MACAULAY, *Critical and miscellaneous essays*. Boston, Weeks, Jordan and Co, vol. I, p. 375-432.
- OTTEN, T. 1969. Macaulay's critical theory of imagination and reason. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, **28**(1):33-43. <http://dx.doi.org/10.2307/428906>
- PERRY, S. 2001. Romanticism: the brief history of a concept. In: D. WU (ed.), *A companion to Romanticism*. Oxford, Blackwell Publishing, p. 3-11.
- PHILLIPS, M.S. 2000. Historical distance and the historiography of eighteenth-century Britain. In: S. COLLINI; R. WHATMORE; B. YOUNG (eds.), *History, religion, and culture: British intellectual history 1750-1950*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 31-47. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511598487.004>
- PHILLIPS, M.S. 1989. Macaulay, Scott, and the literary challenge to historiography. *Journal of the History of Ideas*, **50**(1):117-133. <http://dx.doi.org/10.2307/2709789>
- PRATT, L. 2004. Robert Southey, writing and Romanticism. *Romanticism on the Net*, **32-33**. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/ron/2004/v/n32-33/009255ar.html>. Acesso em 10/11/2014.
- ROBBERDS, J.W. (ed.). 1843. *A memoir of the life and writings of the late William Taylor of Norwich*. London, John Murray, vol. 1, 532 p.
- SOUTHEY, C.C. (ed.). 1855. *Life and correspondence of Robert Southey*. New York, Harper & Brothers, 579 p.
- SOUTHEY, C.C. (ed.). 1850. *Life and correspondence of Robert Southey*. In six volumes. London, Longman, Brown, Green and Longmans, vol. 2, 360 p.
- SOUTHEY, R. 1862. *História do Brasil*. Rio de Janeiro, Garnier, vol. VI, 540 p.
- SOUTHEY, R. 1828a. The constitutional history of England, from the accession of Henry VII to the death of George II. By Henry Hallam. *The Quarterly Review*, **37**(73):194-259.
- SOUTHEY, R. 1828b. Chronological history of the West Indies by Captain Thomas Southey, Commander Royal Navy, 3 vols, 1827. *The Quarterly Review*, **38**(76):193-241.
- SOUTHEY, R. 1819. *History of Brazil*. London, Longman, Hurst, Rees, and Orme, Paternoster-row, vol. III, 950 p.
- SPECK, W.A. 2006. *Robert Southey: entire man of letters*. New Haven and London, Yale University Press, 336 p.
- STOREY, M. 2006. 'Bob Southey! - Poet Laureate': public and private in Southey's poems of 1816. In: L. PRATT (ed.), *Robert Southey and the contexts of English Romanticism*. Farnham, Ashgate, p. 87-100.
- WARTER, J.W. (ed.). 1856a. *Selections from the letters of Robert Southey*. London, Longman, Brown, Green and Longmans, vol. 2, 431 p.
- WARTER, J.W. (ed.). 1856b. *Selections from the letters of Robert Southey*. London, Longman, Brown, Green and Longmans, vol. 3, 544 p.

Submetido: 13/12/2013

Aceito: 09/04/2014